

Duas personagens de *Os Lusíadas*: Vénus e Baco

ANTÓNIO MANUEL FERREIRA
Universidade de Aveiro

No velho mar sempre o homérico, ó Ulisses!

Álvaro de Campos, *Ode Marítima*

I. No dia 28 de Junho de 1941, Miguel Torga escreveu no primeiro volume do *Diário* o seguinte apontamento: <<...apesar daquela arquitectura toda, daquela admirável fábrica, *Os Lusíadas* não conseguem quebrar a sua condenação de epopeia para uso interno. Não me parece que haja boa vontade capaz de comparar o herói Gama a Eneias ou a Ulisses>>¹. Muitos anos mais tarde, em 1987, numa conferência pronunciada em Macau, e reproduzida no volume XV do *Diário*, Torga, retomando o assunto, diz a certa altura: <<Aquiles, Ulisses, Eneias não passam de meras ficções. (...) Títeres nas mãos de Júpiter, de Vénus, de Apolo ou de qualquer outra potestade, acabam por cumprir apenas um destino implacável e monótono de predeterminados. (...) Camões, pelo contrário, embora recorra ainda à providência conflituosa de um Olimpo desavindo, em obediência aos cânones clássicos que lhe serviram de modelo — e essa transigência é hoje a parte mais frágil do poema — , pinta indivíduos coetâneos em

¹ Miguel TORGA (1989): 189.

acção, que se chamam Gamas, Albuquerque, Castros, Leonardos ou Velosos e actuam por conta própria>>².

A aparente dissonância de Miguel Torga, na sua apreciação de *Os Lusíadas*, é um sinal da vitalidade do poema camoniano e da sua capacidade de desconcertar os leitores; sendo, ao mesmo tempo, o reconhecimento da riqueza de uma obra que tem resistido à tentação das leituras definitivas. A complexidade estrutural de *Os Lusíadas*³; a pluralidade de segmentos narrativos e respectivos narradores; a configuração de vários mundos que, reais ou fabulosos, ganham o peso de realidade que o universo ficcional lhes confere; bem como a cultura polifacetada que alastra ao longo de todo o texto, mesmo nos momentos mais inesperados⁴, fazem do poema uma obra em permanente desafio aos leitores de todas as épocas.

Há quem pense que o tema central, escolhido por Camões, não é o mais conveniente a um poema épico; e há mesmo quem diga que *Os Lusíadas* não são um poema épico.⁵ Segundo opiniões mais

² Miguel TORGA (1990): 28-29.

³ Jorge de SENA (²1980): 77 <<...como construção narrativa e como intencionalidade estrutural, *Os Lusíadas* é um prodígio arquitectónico, independentemente do que há na obra, e do que nele se tem visto ou querido ver>>.

⁴ É o caso, por exemplo, da cultura clássica do rei de Melinde, que levou Voltaire a exclamar : <<Comme si un barbare africain des côtes de Zanguebar savait son Homère et son Virgile>>. (*Apud* Luís de Oliveira e SILVA, 1995: 223).

⁵ Giuseppe TAVANI (1981): 107 <<...não pretendo evidentemente censurar Camões por não ter conseguido escrever o verdadeiro manifesto épico do Renascimento: nenhum outro poeta o conseguiu. Quero só dizer que *Os Lusíadas* não são um poema épico>>. A afirmação de Giuseppe Tavani enquadra-se numa “polémica” com Vasco Graça Moura, travada a propósito de um artigo do crítico italiano sobre “A estrutura espaço-temporal de *Os Lusíadas*”. Em resposta a este artigo de Tavani, Graça Moura defende a sua concepção de *Os Lusíadas*, dizendo: <<Nenhuma outra epopeia agenciou em termos tão ambiciosos as concepções e as coordenadas da sua época, solidarizando-as, como solidariza acção humana, experiência e pensamento, finito e infinito, efémero e eterno, superando por aí as contradições e

moderadas, *Os Lusíadas* <<não cabem na rubrica de epopeia “clássica”...>>⁶; modelam um tipo novo de epopeia, muito diferente dos exemplos clássicos que Camões incorpora no seu texto⁷. A relação do poeta com os modelos e os heróis greco-latinos não é pacífica nem uniforme. O programa de superação apresentado na estância terceira do canto primeiro, reforçado pelos *topoi* do *cedat* e do *taceat*, não é inteiramente cumprido⁸. Através das numerosas intrusões do narrador⁹, mas sobretudo através da voz do poeta, que pairando sobre

inquietações (e identificações) da sua própria matéria contemporânea. E por isso é que, ao contrário de Tavani (a cujo convite ao diálogo esta é uma imperfeita resposta), se pode concluir serem *Os Lusíadas* realmente o verdadeiro manifesto épico do Renascimento europeu, como igualmente foram o manifesto maneirista dele, ou, se se quiser, a única epopeia autêntica da Europa moderna>>. (GRAÇA MOURA, 1980:131).

⁶ Ofélia Paiva MONTEIRO (1972): 53 <<A rápida evocação deste curioso enovelar dos elementos que constroem o Canto VI, organicamente fechado por uma digressão do Autor sobre o verdadeiro mérito, deixa apontada a variedade estilística que o torna um compósito todo de contrastes: novas provas a testemunharem quanto *Os Lusíadas* não cabem na rubrica de epopeia “clássica” com que o poema vem habitualmente rotulado nos nossos manuais de literatura...>>.

⁷ Vasco GRAÇA MOURA (1980): 32 <<...”Os Lusíadas” só eram “escrevíveis”, passe a expressão, por quem genialmente soubesse que uma epopeia moderna havia de ser, em grande medida, o contrário de uma epopeia clássica...>>.

⁸ Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

(I, 3)

As citações de *Os Lusíadas* são feitas a partir da edição de A. J. da COSTA PIMPÃO (²1989). *Os Lusíadas de Luís de Camões*, Lisboa, Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

⁹ Carlos REIS & Ana C.M.LOPES (⁴1994): 207-208 <<A expressão *intrusão do narrador* designa, de um modo geral, toda a manifestação da

o texto parece, por vezes, não se confundir com a figura do narrador¹⁰, Camões oscila entre a reverência admirativa e o desejo de ruptura, quer ao nível dos elementos genológicos que configuram o poema como género épico, quer ao nível da concepção de um novo tipo de herói¹¹. No entanto, o facto de os heróis portugueses serem repetidas vezes comparados com os heróis clássicos, num esquema de hiperbolização desmedida, em que o modelo acabará sempre por ser superior à imitação, é um dos factores que fazem de *Os Lusíadas* um texto desconcertante.¹²

II. Uma das características de *Os Lusíadas* que mais têm desagradado aos críticos é o uso da mitologia clássica. Voltaire¹³, por

subjectividade do narrador projectada no enunciado, manifestação que pode revestir-se de feições muito diversas e explicar-se por diferentes motivos. Não se trata, pois, simplesmente de registar a presença do narrador no discurso, uma vez que ele se denuncia pela simples existência do relato, resultado material do acto narrativo; trata-se mais do que isso, de apegar, nos planos ideológico e afectivo, essa presença como algo que, de certo modo, pode aparecer como excessivo e inusitado>>.

¹⁰ António José SARAIVA (1992): 66 <<*Os Lusíadas* são um sistema de esferas concêntricas: na primeira esfera estão os homens, na segunda os deuses, na terceira os suportes do discurso, isto é, o Poeta e o rei. Mas para lá desta terceira esfera, para lá dos homens, dos deuses, do rei e do Poema, aparece o Camões solitário, o que não é personagem de nenhuma cena, quando muito de um monólogo. O monólogo que é a fronteira entre a poesia lírica e a poesia objectiva>>.

¹¹ Marina BROWNLEE (1995): 189 <<I would suggest that Camões' link to Canace is his own clearly perceived equation of writing and transgression — a double transgression for he is writing of transgression (that is, da Gama's transgression of enshrined epic values) while exposing the act of writing itself as transgression against the institutionalized epic voice>>.

¹² Luís de Oliveira e SILVA (1995): 219 <<As individualidades que Camões apresenta não contêm a plenitude de carga semântica que lhes permita competir em pé de de igualdade com os protótipos históricos e/ou míticos que pretendem superar. O facto de Camões se ter visto obrigado a submetê-los a um processo diegético atesta bem esta insuficiência. Eles não contêm em si um programa narrativo compacto equivalente à sua apelação>>.

¹³ vd. Vítor Manuel de AGUIAR E SILVA (1994):131; José Filgueira VALVERDE (1982): 212.

exemplo, não compreendeu o uso da mitologia greco-latina num poema de um autor católico, e considera a presença do maravilhoso de mau gosto, porque parte do princípio de que em *Os Lusíadas* aparecem misturados os deuses pagãos e a fé católica de Camões. Verney, no *Verdadeiro Método de Estudar*, entre muitas críticas feitas a *Os Lusíadas*, mostra também uma especial aversão ao uso da mitologia no poema, acusando Camões de falta de discernimento na aplicação dos ornamentos poéticos, pois <<...introduz Vénus e Baco por toda a parte, sem discrição alguma...>>¹⁴. Mas, na verdade, os deuses pagãos nunca se confundem com o deus cristão, e raramente se misturam com os homens; enquanto personagens da narrativa, desaparecem do plano da História de Portugal, e só se manifestam criteriosamente no plano da viagem¹⁵.

A crítica moderna desfez as incongruências apontadas por Voltaire e Verney. António José Saraiva, por exemplo, diz que <<A mistura do maravilhoso cristão e do pagão só existiu na cabeça de alguns críticos que não entenderam *Os Lusíadas*, mas nunca existiu na cabeça de Camões. >>¹⁶. Logo no século XVI, é particularmente elucidativo o texto que Frei Bartolomeu Ferreira, o censor da inquisição que fez a leitura prévia do poema, escreveu para permitir a publicação da obra. No seu comentário, Frei Bartolomeu chama a atenção para o facto de estarmos perante <<poesia e fingimento>>, isto é, perante um texto literário; por isso, acaba por admitir que <<me pareceo o liuro digno de se imprimir, & o Autor mostra nelle

¹⁴ Luís António VERNEY (1950): 241.

¹⁵ José Filgueira VALVERDE (1982): 211 <<Os pontos de interferência entre deuses e humanos em *Os Lusíadas* são muito escassos. Encontram-se na *Ilha dos Amores* (IX, 89 e segs.), quando Vénus recompensa os portugueses, e em estranhos momentos do poema... Baco disfarça-se de sacerdote cristão para enganar os portugueses (II-10 e segs.); Tétis conta a vida e os milagres de S.Tomé, apóstolo das Índias (X-108 e segs.)>>.

¹⁶ António José SARAIVA (1992): 71.

muito engenho & muita erudição nas sciencias humanas>>¹⁷. Frei Bartolomeu, que foi tão maltratado pela pena impiedosa de Aquilino Ribeiro¹⁸, aproximou-se, neste caso, da verdade. De facto, a mitologia greco-romana faz parte da língua poética do século XVI. Como poeta culto, Camões não podia nem queria anular uma das características fundamentais da língua poética que voluntariamente usava, dominava e recriava¹⁹.

Por outro lado, Camões assume, de forma clara, o seu débito à literatura clássica. São detectáveis em *Os Lusíadas* a melodia lírica das *Éclogas* de Virgílio, a filosofia serenamente triste de algumas *Odes* de Horácio, os ecos recorrentes de Ovídio, etc²⁰. Além disso, as relações de intertextualidade particularmente dinâmica²¹ que o poema camoniano estabelece com as grandes epopeias do passado, nomeadamente a *Odisséia* de Homero e a *Eneida* de Virgílio, tornam

¹⁷ A. J. da COSTA PIMPÃO (2^a1989): LIX.

¹⁸ Aquilino RIBEIRO (1974): 195 <<Admitindo que não fosse Frei Bartolomeu o sapateiro remendão, deferiu às emendas. Tão larápio é o que salta à vinha como o que fica à portaleira. Autor ou não do *ersatz* e dos retoques, ou simples abençoador, é igualmente culpado>>.

¹⁹ José Filgueira VALVERDE (1982): 213 <<A mitologia é uma parte da expressão do poeta; o seu contraditório maravilhoso não é uma religião, mas uma linguagem. Uma vez, heróica; outras, simbólica ou astronómica; as restantes, somente poética, mas sempre um modo de dizer. E não apenas uma linguagem, mas uma linguagem preferida, a que melhor domina, a que mais liberdade de expressão proporciona, e a que a épica literária exigia>>.

²⁰ Cf. Américo da Costa RAMALHO (1980): 1-26; M.H.da Rocha PEREIRA (1988):109-131; José Maria RODRIGUES (2^a1979): *passim*.

²¹ M.H. da Rocha PEREIRA (1988): 131 <<Alimentados pelos valores éticos da antiguidade, vivendo os seus paradigmas, superando os modelos na aproximação cada vez mais intensa da verdade, circula em *Os Lusíadas* o ar fresco do Renascimento. E diríamos também o do classicismo greco-latino, cuja essência não consiste, como frequentemente se julga, em repetir, mas em recriar, a partir de uma norma. E, nesse sentido também, a nossa epopeia é, ela mesma, um renascimento>>.

natural e coerente a presença dos deuses greco-romanos numa epopeia tão impregnada de sentimento religioso.

Há, porém, uma diferença essencial. Talvez Homero e Virgílio acreditassem realmente nos seus deuses, mas Camões, homem de fé, acreditava em Deus. No entanto, Camões, o poeta, também acreditava nos deuses, como todos os artistas que não usam a mitologia como mero adorno, ou simples dicionário de símbolos eruditos.²² A mitologia n' *Os Lusíadas* não é um mero enfeite, nem um simples repositório de símbolos; os deuses são personagens da narrativa e têm por isso a garantia de credibilidade e verosimilhança que é conferida às personagens. No mundo ficcional que o texto enforma, os deuses existem realmente e intervêm, de facto, na acção.²³ Na sequência narrativa da viagem, sequência estruturalmente central, os deuses são a força motriz que determina o progresso dos acontecimentos. Daí a importância dos dois consílios, um no canto I e outro no canto VI. E daí também o facto de a narração *in medias res* ser interrompida logo no início, para dar lugar ao consílio dos deuses olímpicos. Tudo o que se vai passar a seguir depende da vontade e da acção dos deuses olímpicos. De igual modo, a partir da deliberação de Neptuno, no segundo consílio, a acção vai depender da intervenção divina.

²² O Conde de Ficalho, num saborosíssimo livrinho sobre a flora d' *Os Lusíadas*, chega mesmo a afirmar que Camões <<É semipagão, como quase todos no seu século, a começar pelo papa Leão X>> (CONDE de FICALHO, 1994: 22). E diz R.M.Walker <<I believe that in Camões we get a return to the belief in these gods and goddesses of myth. He believes in his deities not as Virgil believed in them, but as ideal perfections of humanity, the link between the world of men and the world of God, wich the Renaissance had separated>> (R.M.WALKER, 1964:86).

²³ António José SARAIVA (1992): 119 <<Como agentes da acção alegórica, os deuses olímpicos têm uma existência “real” e os heróis históricos só existem como títeres, ou como evocações, ou como vaticínios, quer dos próprios deuses, quer dos homens quando eles lhes dão ocasião para isso. É nesse sentido que dizemos que os deuses olímpicos são os agentes reais e objectivos do Poema, ao passo que o sobrenatural cristão (assim como o islâmico) é uma simples ilusão subjectiva dos homens históricos>>.

É claro que nós sabemos que a armada de Vasco Gama não entra em Mombaça por dificuldades de manobra²⁴; sabemos que uma tempestade marítima é um fenómeno natural, cientificamente explicável. Mas *Os Lusíadas* não pretendem ser, essencialmente, um livro de História dos Descobrimentos ou um tratado científico de fenómenos atmosféricos. Camões é um poeta; e, de acordo com as regras do poema, quem impede a ruína da armada, em porto inimigo, é Vénus e o seu séquito de Nereides, <<as alvas filhas de Nereu>> (II,18-23); quem provoca a tempestade são os ventos que Éolo soltou <<do cárcere fechado>>, cumprindo assim a resolução do consílio dos deuses marinhos, e apoiando, desta forma, os planos de Baco:

*Já lá o soberbo Hipótades soltava
Do cárcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os varões audaces e animosos.
Súbito, o céu sereno se obumbrava,
Que os ventos, mais que nunca impetuosos,
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes e casas derribando.*

(VI, 37)

Por conseguinte, os deuses intervêm e são visíveis aos olhos do leitor; a sua presença não é esfumada, mas tangível. O retrato físico de Vénus, por exemplo, embora convencional e erudito, é, a meu ver, mais nítido do que o retrato de Maria ou mesmo de Inês de Castro; o retrato psicológico de Baco é mais interessante e matizado do que o de Vasco da Gama. Enquanto personagens, os deuses são, por vezes, mais

²⁴ vd.O comentário de Luís de Albuquerque à passagem da *Relação* de Álvaro Velho, onde se descreve <<como Vasco da Gama não conseguiu entrar no porto de Mombaça, por não lhe ter sido possível manobrar a nau para franquear a barra>> (Luís de ALBUQUERQUE, 1987:41).

denso do que os homens²⁵. Vasco da Gama, por exemplo, é uma figura obcecada, cujo sentido de obediência às ordens longínquas de D. Manuel o transforma num capitão cumpridor, que não se deixa desviar por nenhuma curiosidade, e que tende para um estatismo pouco conveniente ao desenvolvimento da acção. Baco, pelo contrário, é uma personagem vivíssima, contraditória, em constante movimento físico e anímico.

Os deuses são os verdadeiros dinamizadores da acção que gera o interesse narrativo de *Os Lusíadas*, são eles que lutam realmente, fazendo dos homens simples instrumentos da sua luta e da sua ambição.²⁶ O que movimenta Baco é o seu interesse pessoal, e o que movimenta Vénus, uma deusa aguerrida, é igualmente o seu interesse pessoal. Camões di-lo claramente na estância 34 do canto I:

*Estas causas moviam Citereia,
E mais, porque das Parcas claro entende
Que há-de ser celebrada a clara Deia
Onde a gente belígera se estende.
Assi que, um, pela infâmia que arreceia,
E outro, pelas honras que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem;
A qualquer seus amigos favorecem.*

²⁵ Maria de Lourdes BELCHIOR (1981): 7 <<Dir-se-ia que nos *Lusíadas* até os deuses se tornam humanos (tenham-se em mente os sentimentos e as reacções de Vénus, de Baco, etc.>>; José Filgueira VALVERDE (1982): 214 <<Se ainda nunca foi dito, convém postulá-lo com certo atrevimento: o mais humano de Camões são os seus deuses>>.

²⁶ António José SARAIVA (1992): 115 <<Para o poeta e para os seus leitores, quem obrava, quem era o agente real da acção, eram os deuses fabulosos. Esses é que puxavam efectivamente os cordelinhos que faziam dançar os homens>>.

Os navegadores portugueses parecem ser objecto de uma luta que os ultrapassa²⁷. Vénus luta por eles, procurando, assim, a fama e a glória; Baco combate-os, porque se sente ameaçado pela desonra. Vénus quer ser sempre adorada, e aproveita o fado dos portugueses como factor dessa adoração. É claro que ela justifica a sua protecção aos lusitanos, dizendo que eles lhe recordam os seus romanos; é igualmente sensível à semelhança entre a língua portuguesa e a latina; contudo, esses motivos, ambigualmente elogiosos, apenas contribuem para justificar a sua atitude, não são a sua verdadeira e fundamental razão (<<Bem vês as Lusitânicas fadigas, /Que eu já de muito longe favoreço,/Porque das Parcas sei, minhas amigas,/Que me hão-de venerar e ter em preço>>. IX,38,1-4).

Por seu lado, Baco não quer deixar de ser adorado na Índia, região que, segundo a lenda, conquistou e submeteu; e por isso luta contra os novos senhores que hão-de condená-lo ao esquecimento. Ambos os deuses conhecem à partida o desfecho dos acontecimentos, porque as leis do destino são imutáveis, e não podem ser alteradas, nem pelo próprio Júpiter <<Prometido lhe está do Fado eterno,/Cuja alta lei não pode ser quebrada>>(I, 28, 1-2). Vénus sabe que os portugueses levarão a cabo, com sucesso, o seu intento e contribui para que a viagem decorra com o mínimo de incomodidade. Baco também sabe que será irremediavelmente derrotado, e, em vez de abdicar, aceitando passivamente a lei do Fado, luta constantemente, procurando vencer uma batalha que sabe perdida à partida. A luta de Baco contra as leis implacáveis do destino confere ao seu comportamento uma dimensão trágica, que o aproxima das vítimas incompreendidas de *Os Lusíadas*. Baco é uma personagem sem esperança caucionada pela razão, e, por isso, o seu descontrolo é demencial, e por isso também a sua figura é, em muitos aspectos, bem

²⁷ R.M.WALKER (1964): 88 <<Venus and Bacchus are really fighting each other more than they are fighting for or against the Portuguese, who are only an aspect of their eternal struggle>>.

mais interessante do que a de Vénus. A deusa do amor é sedutora, e usa, com saber e manha, a sua sedução; Baco também tem saber e muita astúcia, mas o peso de uma derrota anunciada e não aceite concede-lhe uma dimensão patética, que contrasta com a leveza de Vénus. Compare-se, por exemplo, a cena das lágrimas, elemento de súplica e dissuasão a que os dois deuses recorrem. Quando Vénus chora perante Júpiter, o seu choro, sedutor, não surpreende. Ao próprio Júpiter, as lágrimas, embora convencendo-o e comovendo-o, despertam-lhe, sobretudo, o ardor erótico. (II,42,5-8)). Mas as lágrimas de Baco, apesar de culminarem um quadro de encenação forense, têm uma força expressiva que as de Vénus não têm, e aproximam-se do choro comovente e convincente do <<medonho choro>> do Adamastor (V, 60), uma das figuras mais dramáticas de *Os Lusíadas*; ao mesmo tempo que nos fazem recordar todas as cenas de lágrimas do poema, nomeadamente a partida das naus do *cais das lágrimas*, quando nos aparecem as tocantes figuras de uma mãe desamparada e de uma jovem esposa inconsolável (IV, 89-92).

Vénus chora, <<de mimosa>>, por não ver correr tão bem como desejava uma empresa que sabe que vai ser bem sucedida; Baco chora, desesperado, por saber que, mesmo com todas as artimanhas que consiga levar a cabo, mesmo com a ajuda dos deuses marinhos, nunca conseguirá vencer:

*<<E por isso do Olimpo já fugi,
Buscando algum remédio a meus pesares,
Por ver o preço que no Céu perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.>>
Mais quis dizer, e não passou daqui,
Porque as lágrimas já, correndo a pares,
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se acendem as Deidades d'água em fogo.*

(VI, 34)

É sobre Baco que se abate a lei do Destino; e a não aceitação dessa lei por parte de um deus rebelde e enlouquecido, desconcertantemente adolescente, não o torna repulsivo. Ele não é apenas o deus <<odioso>>, é a personagem lutadora, condenada à má fortuna, a que o próprio poeta também não escapou.

Por outro lado, o papel negativo do deus é, evidentemente, necessário ao interesse da acção. Sem as suas artimanhas não haveria interesse narrativo, porque o simples cumprimento das leis de um destino favorável aos portugueses não cria conflito nem drama. Baco é, assim, essencial ao progresso dos acontecimentos, e mesmo aos portugueses, pois se estes têm algum valor, ele provém da capacidade de lutar contra as adversidades, secundados por Vénus. As intervenções de Vénus são sempre importantes, mas não contribuem realmente para realçar o valor dos portugueses; quem releva o valor dos nautas lusitanos é Baco. A deusa intervém sempre depois do deus; quem age é Baco, Vénus limita-se a reagir .

Baco tem ainda um outro papel fundamental: ele é a visão do outro lado da moeda, em relação ao comportamento dos portugueses. O ponto de vista da personagem relativamente às acções e carácter dos portugueses é muito negativo. Os lusitanos são, na sua perspectiva, ladrões e assassinos. Evidentemente, a focalização de Camões-narrador tende a apontar num sentido diferente, porém a perspectiva da personagem e a do narrador não se afastam sempre de maneira total. Veja-se, por exemplo, a cena da escaramuça na ilha de Moçambique. Baco, disfarçado de um velho Mouro sábio, muito estimado pelo Xequê da terra, dirige-se ao senhor do lugar nestes termos:

*-<<E sabe mais (lhe diz), como entendido
Tenho destes cristãos sanguinolentos,
Que quâsi todo o mar têm destruído
Com roubos, com incêndios violentos;
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós; e que todos seus intentos*

*São pera nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos cativarem>>.*

(I, 79)

E mais adiante, na estância 89 do mesmo canto, o narrador, relatando a escaramuça que se trava entre os portugueses e os Mouros, diz:

*Não se contenta a gente Portuguesa,
Mas, seguindo a vitória, estrui e mata;
A povoação sem muro e sem defesa
Esbombardeia, acende e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,
Que bem cuidou comprá-la mais barata;
Já blasfema da guerra, e maldizia
O velho inerte e a mãe que o filho cria.*

Afinal, parece que Baco não estava totalmente errado quando dizia que estes cristãos eram sanguinolentos. O interesse de Baco em desmontar a pretensa generosidade dos novos senhores, que vêm de longe, é um interesse egoísta, mas plenamente justificado. Ele não quer ser vítima do pior dos males: o esquecimento, que na cosmovisão de Camões é uma condenação sem remédio, mais letal do que a morte. Mas a luta de Baco tem também um sentido comunitário, pois ele pretende assumir-se como protector das terras que estão a ser conquistadas. Vénus protege os novos invasores, Baco protege os invadidos. Por isso, as suas denúncias aproximam-se das condenações do Velho do Restelo e mesmo das censuras do próprio poeta. Como diz Vasco Graça Moura, << Baco...é fundamentalmente a voz que desfia o requisitório das populações do oriente atingidas por quase um século de expansão cobiçosa e de não muito fundos escrúpulos>>.28

28 Vasco GRAÇA MOURA (1980): 37. Em outra passagem do mesmo artigo, diz Vasco Graça Moura que <<O virtuosismo de Camões conseguiu, num poema de exaltação nacional, e que, como tal, pode e deve ser

A opinião de Camões em relação aos portugueses não é incontestavelmente elogiosa. Camões não pensa que os portugueses sejam ladrões e assassinos, quem pensa isso é Baco, personagem inventada pelo poeta; no entanto, os portugueses também não são os heróis grandiosos para que fomos alertados na *proposição*, na *invocação* e na *dedicatória* do canto I. No final do canto V, Vasco da Gama termina o longo discurso em que conta ao rei de Melinde a história de Portugal, respondendo assim ao pedido que o rei lhe formulara na estância 109 do canto II <<Mas antes, valeroso Capitão,/Nos conta...>>. Ao findar o relato, Gama insiste no heroísmo dos portugueses, e diz no final da estância 89:

<<A verdade que eu conto, nua e pura,
Vence toda a grandíloca escritura>>

No entanto, ao retomar o comando do discurso, Camões-narrador parece atenuar a grandiosidade hiperbólica do relato de Vasco da Gama: <<Trabalha por mostrar Vasco da Gama/Que essas navegações que o mundo canta/Não merecem tamanha glória e fama/Como a sua, que o Céu e a Terra espanta./Sim; mas...>>(V, 94, 1-5). Sim, mas “o valeroso capitão” não merece o esforço do poeta, porque, à semelhança de outros portugueses ilustres, é um herói incompleto (V, 97-99). A referência a Eneias, Aquiles; Júlio César, Alexandre;

lido, integrar uma dimensão crítica severa e polivalente, de vocação correctora do que era o lado negativo das nossas glórias. Bem sabiam Camões, o Velho do Restelo, e Baco, quão perniciosos seriam os efeitos do parasitismo argentário, da cupidez sem limites, da esperança de riqueza fácil que acabariam por *desmoralizar* e fazer ruir as estruturas de uma sociedade embarcada em busca da “...mercadoria/Que produz o aurífero Levante,/Canela, cravo, ardente especiaria/Ou droga salutífera e prestante;/...luzente pedraria, /O rubi fino, o rígido diamante>> (p.39). Para Américo da Costa RAMALHO (1980): 16 <<O Baco de Camões serve apenas para polarizar, encarnando-as, o conjunto das dificuldades que vão levantar-se contra os portugueses, os obstáculos ao novo poder chegado ao Oceano Índico, as variadas oposições e traições, movidas por interesses estabelecidos, em risco de insegurança ou desaparecimento>>.

Homero e Virgílio, coloca a reflexão do poeta sob o signo da dúvida e da desilusão. Camões vai evoluindo ao longo do poema; o poeta optimista que nos surge no início do canto I não é exactamente o mesmo que aparece, desapontado, no final do canto V. Camões envelhece e desilude-se. Começa por pretender superar as figuras heróicas de Alexandre e Trajano, e, nos dois últimos versos do poema, são ainda mencionados Alexandre e Aquiles, como se o poeta, numa atitude de incentivo e súplica a D. Sebastião, reconhecesse que não tinha ainda heróis reais que fossem capazes de suplantar os fabulosos. Como diz Eduardo Lourenço <<Procura-se o *herói* da epopeia e não se encontra ou encontra-se e fica-se desiludido pelo seu perfil de figurante de papelão>>²⁹.

Os reais companheiros de Camões³⁰ são, a meu ver, Vénus, Baco, as Ninfas do Tejo e do Mondego, Calíope e todas as divindades que, recriadas pelo poeta, são ainda figuras acompanhadas de uma memória literária riquíssima, que oferece ao escritor e ao leitor o poder e o prazer da poesia; são eles que não permitem que <<o fraco batel>> se alague cedo (VII, 78).³¹ Quando, no canto X, estância 82, Tétis diz a Gama <<Só pera fazer versos deleitosos/servimos...>> apetece-nos perguntar: o que fez Camões ao longo de um texto arrumado em dez cantos quase perfeitos? Fez versos deleitosos. É a beleza dos versos, é sobretudo a beleza dos versos, que faz de *Os Lusíadas* um texto vivo, actual e sedutor.

²⁹ Eduardo LOURENÇO (1983): 36.

³⁰ vd. VII, 87, 5-8 : <<Apolo e as Musas, que me acompanharam, / Me dobrarão a fúria concedida, / Enquanto eu tomo alento, / descansado, / Por tornar ao trabalho, mais folgado>>.

³¹ Cf. Jacinto do Prado COELHO (1983): 33-36.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de (1994). *Camões: Labirintos e Fascínios*, Lisboa, Cotovia, pp.131-162.
- ALBUQUERQUE, Luís de (1987). *Crónicas de História de Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, pp.39-46.
- BELCHIOR, Maria de Lurdes (1981). <<Heróis e mitos n'Os Lusíadas e na Mensagem>>, *Persona* 5, pp.3-8.
- BROWNEE, Marina (1995). <<The Dark Side of Myth in Camões' "Frail Bark">>, *Comparative Literature Studies* 32:2, pp.176-190.
- COELHO, Jacinto do Prado (1983). *Camões e Pessoa, Poetas da Utopia*, Lisboa, Publicações Europa-América, pp. 27-110.
- CONDE de FICALHO (1994). *Flora d'Os Lusíadas*, Lisboa, Hiena Editora.
- GRAÇA MOURA, Vasco (1980). *Luís de Camões: Alguns Desafios*, Lisboa, Editorial Vega.
- LOURENÇO, Eduardo (1983). <<Camões e o tempo ou a razão oscilante>>, *Poesia e Metafísica - Camões, Antero e Pessoa*, Lisboa, Sá da Costa, pp.31-49.
- MONTEIRO, Ofélia Paiva (1972). << "Os Lusíadas": Significado Epocal e Estrutura do Poema>>, in AA.VV., *XLVIII Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Ciclo de lições comemorativas do IV centenário da publicação de "Os Lusíadas"*, Lisboa, Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de "Os Lusíadas", pp.31-59.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha (1988). *Novos Ensaios sobre Temas Clássicos na Poesia Portuguesa*, Lisboa, IN-CM, pp. 27-138.
- PIMPÃO A. J. da COSTA (2^a1989). *Os Lusíadas de Luís de Camões*, Lisboa, Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

- RAMALHO, Américo da Costa (1980). *Estudos Camonianos*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, pp.1-83.
- REIS, Carlos & LOPES, Ana C. M. (⁴1994). *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Almedina.
- RIBEIRO, Aquilino (1974). *Luís de Camões. Fabuloso, Verdadeiro*, vol. II, Lisboa, Livraria Bertrand.
- RODRIGUES, José Maria (²1979). *Fontes Dos Lusíadas*, Lisboa, Academia das Ciências.
- SARAIVA, António José (1992). *Estudos Sobre a Arte D'Os Lusíadas*, Lisboa, Gradiva, pp.39-46; 111-121.
- SENA, Jorge de (²1980). *A Estrutura de "Os Lusíadas" e Outros Estudos Camonianos e de Poesia Peninsular do sec. XVI*, Lisboa, Edições 70.
- SILVA, Luís de Oliveira e (1995). <<Identidade e Identificação Interactiva n'Os Lusíadas>>, *Dedalus* 5, pp.217-230.
- TAVANI, Giuseppe (1981). <<Ainda sobre a Estrutura Espaço-Temporal d'Os Lusíadas>>, *Arquivos do Centro Cultural Português*, XVI, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, pp.95-107.
- TORGA, Miguel (⁷1989). *Diário I*, Coimbra.
- TORGA, Miguel (1990). *Diário XV*, Coimbra.
- VALVERDE, José Filgueira (1982). *Camões*, Coimbra, Almedina.
- VERNEY, Luís António (1950). *Verdadeiro Método de Estudar*, vol. II. Edição organizada por António Salgado Júnior, Lisboa, Livraria Sá da Costa.
- WALKER, R. M. (1964).<<An interpretation of the role of the supernatural in "Os Lusíadas">, *Revista Camoniana* 1, pp.83-93.